

**PARASMO**

© Lucia Parasmó

**Editor**

João Baptista Peixoto Neto

**Autores**

Carlos Alencar

Lucia Parasmó

**Capa, projeto gráfico e composição**

Fernando Moser | Shadow Design

**Revisão**

Miró Editorial

PARASMO  
*Salute!*

Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Peixoto Neto Ltda.  
Rua Teodoro Sampaio 1765 cj 44 – Pinheiros  
05405 150 – São Paulo, SP – Brasil  
Telefone 11 3063 9040 Fax 11 3064 9056  
editora@peixotoneto.com.br

*agradecimentos*

Lucia Parasmó,  
pela generosidade e desprendimento ao confiar a um profissional  
a concretização de um projeto pessoal.

Maria do Carmo,  
pela parceria que viabilizou o desenvolvimento do trabalho,  
mesmo a mais de 400 quilômetros de distância.

*Carlos Alencar*

*dedicatória de Lucia Parasmó*

*Para meu pai*

## *sumário*

Prefácio   por Lucia Parasma .....	11
Capítulo 1   Três gerações .....	15
Capítulo 2   Formia, Fondi e Roma .....	21
Capítulo 3   Fome de conquista .....	29
Capítulo 4   Assobio da sorte .....	35
Capítulo 5   Mapa do inferno .....	43
Capítulo 6   Spaziani, Shalon! .....	49
Capítulo 7   Porca fortuna .....	55
Capítulo 8   O paciente italiano .....	61
Capítulo 9   Cofrinho da discórdia .....	69
Capítulo 10   Amore .....	75
Capítulo 11   Caixa único .....	83
Fotografias .....	91
Capítulo 12   Grande família .....	123
Capítulo 13   Casado com a fábrica .....	149
Capítulo 14   Da cola aos espigões .....	157
Capítulo 15   Vale quanto custa .....	165
Capítulo 16   Fim dos feudos .....	173
Capítulo 17   Passe de mágico .....	183
Depoimentos .....	187
Linha do tempo .....	211

## Prefácio | por Lucia Parasmo

QUANDO DECIDI CONTAR A HISTÓRIA DESTA FAMÍLIA, MINHA IDEIA era compartilhar com outras pessoas quais foram os ingredientes e como estes se misturaram na feitura da massa que, literalmente, alimentou tanta gente. Uma história de sucesso, um *case*, como dizem os marqueteiros. Mas o foco, aqui, não é mercadológico, uma vez que não se trata de mostrar números nem de estabelecer comparações e, sim, de trazer à tona aquilo que criou raízes e que por isso se sustenta, raízes essas que devem ser preservadas e perpetuadas.

Transformar o amor, a admiração e o orgulho que tenho pela minha família numa linguagem que não fosse patética e que pudesse atingir outras pessoas se transformou num grande desafio para mim. Separar minhas emoções dos fatos, isentar-me como filha e sobrinha para extrair o essencial de cada um, de cada episódio, foram um intenso exercício de análise e autocrítica. Mesmo assim, a paixão foi o maior motor deste trabalho.

Quero neste prefácio contar também um pouco de como cheguei até aqui. Era 2000 quando fui à fábrica, a Irmãos Parasmo, almoçar e expressar a todos os meus tios e a meu pai minha vontade de registrar a história deles. Era o projeto embrionário do livro que, improvisadamente, eu estava lançando. Um de meus tios (Egídio) declarou abertamente sua posição favorável à minha iniciativa e isso me deu coragem para eu começar o trabalho. Iniciei as primeiras entrevistas com tio Angelo, com tio Tommaso e

depois com tio Antonio; – tio Nino viria depois, e de forma diferente. Pedi a eles que me contassem como tudo começou.

Para mim, naquele momento inicial, sem roteiro estruturado, a história começara com a chegada deles ao Brasil, mas no decorrer das entrevistas tive de resgatar a história que antecedia esse marco e mergulhei em língua, cultura e território estrangeiros. Território que, apesar de estrangeiro, era familiar pois também era meu.

Interrompi as entrevistas e as transcrições quando meu filho, Juliano, nasceu (28 de julho de 2001), e só retomei anos depois. Meu tio Egidio faleceu em 2002, antes de eu tê-lo entrevistado. Uma pena. A partir de 2005, fiz novas entrevistas com minhas tias Assunta e Maria e depois com amigos da família que acompanharam de muito perto a nossa trajetória. Esses amigos deram contribuição de grande valor, uma vez que, não sendo da família, puderam lançar sobre a história uma luz diferente, outras cores... Por meio desses olhares tive a chance de eu também enxergar minha própria família sob outros ângulos. Sou grata a todos eles pela generosidade de espírito. São todos especiais.

Em 2006, fizemos uma grande festa do clã, a primeira depois de uma longa estiagem de festividades familiares, e o livro já era uma ideia conhecida de alguns. Depois que entrevistei meu pai, cheguei a pensar em eu mesma escrever a história, colocando-o como narrador e protagonista. Preparei um texto no qual procurei extrair o essencial daquilo que já conhecia e registrar as informações que considerava importantes. Esse material serviu como fonte de pesquisa posterior.

A certa altura eu já havia recorrido a algumas pessoas para me ajudar a escrever o livro. Tinha chegado à conclusão de que, sob minha orientação, e a partir do que eu já havia pesquisado, outra pessoa deveria escrevê-lo. Conheci vários profissionais,

e fui apresentada a Carlos Alencar pela minha prima Maria Tereza Rangel Arruda Campos, profissional da área editorial. Em razão de vários desencontros o trabalho não aconteceu naquele momento, e sim um ano depois.

Em 2008, começamos um trabalho a quatro mãos. Outras entrevistas foram feitas, inclusive com vários funcionários; retomamos outras, como aquelas com as minhas tias e tios, e as coisas transcorreram além das expectativas. Tive a oportunidade de trabalhar com um profissional experiente e aprender a dinâmica de uma atividade profundamente envolvente, vibrante e ética. Muito divertido, mas não foi brincadeira. Num bate-bola enriquecedor, pudemos trabalhar com divergências, cumprindo metas, dentro de um nível de tensão extremamente sadio.

O resultado vai agradar a alguns, contrariar outros... É, aliás, natural que seja assim, pois, como disse o dramaturgo, “toda unanimidade é burra”. Mas a obra foi fruto de muito empenho, dedicação, paixão e profissionalismo. E uma coisa é certa. Depois desta leitura, o leitor vai conhecer um pouco da história desta família cujas marcas trago comigo, que constituem valores que me norteiam e que procuro transmitir a quem eu amo. Boa leitura!

---

### *Post-Scriptum*

Quando já tinha em mãos o boneco do livro para a feitura das últimas revisões, aconteceu o impossível. Surpreendentemente, meu tio Antonio, que sempre gozou de uma saúde de ferro, foi acometido por uma doença misteriosa que o levou em poucos dias. Foi um baque difícil de traduzir e que entristeceu fortemente a família.

Ele contribuiu de forma decisiva para este livro. Sua memória remontava detalhes sem os quais este livro em muito perderia. Tenho vivas em minha memória as entrevistas com ele e sinto imensamente que ele não esteja presente para dividir conosco esta conquista. Tio, obrigada.